

POSSE DO MEMBRO TITULAR
TALITA ROMERO FRANCO
DISCURSOS

DISCURSO DE POSSE
Talita Romero Franco

Exmo Sr. Presidente da Academia Nacional de Medicina, Acad. Rubem David Azulay,

Exmo Sr. Secretário Geral Acad. Jarbas Porto.

Exmo. Sr. 1º Secretário Acad. Omar da Rosa Santos

Exmo. Sr. 2º Secretário Acad. Levão Boghossian

Exmo. Srs. Ex- Presidentes Acads. Jorge de Marsillac, Aloysio Salles, Rinaldo De Lamare, Sergio Aguinaga.

Exmo. Sr. Ex-Presidente Acad. Neves Manta, que não pode comparecer por motivo de saúde mas está presente em nossos corações.

Exma. Sra. Prof. Sylvia da Silveira Mello Vargas, Diretora da Faculdade de Medicina da UFRJ, a quem agradeço a extrema gentileza de estar aqui presente neste dia em que sua mãe comemora 90 anos.

Exmo. Sr. Prof. Newton José Nogueira de Castro, ex-Diretor do Centro de Ciências Bio-médicas da UFRJ, meu marido

Exmo. Sr. Dr. Gilson Maurity Santos. ex-Presidente do CREMERJ e do IASERJ e filho do Patrono da Cadeira nº 37, Prof. José Alves Maurity Santos.

Srs. Acadêmicos, Minhas Senhoras e Meus Senhores.

Há alguns anos pisei, com pés emocionados, um dos chãos mais sagrados do planeta: o da Basílica de Compostela, dedicada a Santiago, patrono de Espanha.

Durante muitos séculos, e ainda hoje, viajantes de todas as partes percorreram, a pé, 1500 km de dificuldades para pedir a proteção do santo que, montado num cavalo branco, tendo uma espada na mão direita e a própria cabeça sob o braço esquerdo, comandou os exércitos que expulsaram os mouros da península ibérica, após 700 anos de dominação.

Toda esta devoção era reforçada pela promessa, dada pela Igreja, de que alcançariam o reino dos céus, sem escalas, todos aqueles que peregrinassem a Jerusalem, Roma e Compostela.

Era longo o caminho e muitas eram as dificuldades. Alguns desistiam, outros morriam porém novos viajantes os substituíam, incessantemente, mantendo acesas a fé e a tradição. E as portas da Catedral permaneciam abertas, dia e noite, para que sempre e a qualquer hora, um peregrino cansado lá encontrasse abrigo e paz.

Esta história povoou minha infância desde muito antes de que minha cabeça pudesse entender o significado das metáforas existenciais e meu bolso pagar o custo da viagem.

Além deste, outros caminhos percorri buscando paraísos e catedrais. A chegada sempre se faz em meio a sentimentos controversos de alegria, perplexidade e cansaço. Comparo mesmo à depressão pós-parto, onde a grandeza do evento, gera o susto de nada haver dali em diante com significado equivalente.

Quando o desejo é grande, o caminho é sempre longo pois, mais do que o tempo, mede a frustração que separa o desejo de sua realização.

Ao contrário do que possa parecer, foi longo meu caminho até esta casa.

Tal qual uma maratona, 42 anos se passaram entre o surgimento da idéia e sua concretização.

Sentada em um banquinho, e bem quieta para não atrapalhar, assisti meu pai se preparando para concorrer a esta Academia. Não entendia bem do que se tratava, mas sabia que era importante. Cheguei mesmo a ditar para ele trechos de seu trabalho para que os datilografasse e me senti partícipe. Hoje entendo que devo ter perturbado mais do que ajudado e vejo seu amor em me aceitar como cúmplice.

Grande foi a frustração quando ele não entrou. Ganhou o Prof. Dagmar Chaves, seu amigo, e de grandes méritos que hoje se redimiui da tristeza involuntariamente inflingida prestigiando-lhe a filha. Recentemente D.Rosinha, esposa do Prof. me confessou que contaram com a ajuda de Nossa Senhora de Fátima. Aí não dava mesmo para competir.

Pois foi naquele dia triste que brotou o desejo hoje concretizado. Era impalpável, longínquo, fantasioso. Mas sempre presente.

Veio a Faculdade. A da Praia Vermelha, como eu desejava. Era um prédio imponente, com amplos corredores e pé-direito muito alto. Nas paredes das salas e dos corredores, retratos a óleo dos catedráticos, pendurados acima de nossas cabeças.

As igrejas góticas tinham torres altíssimas para que os fiéis, ao olharem para cima, se sentissem pequenos face à grandeza de Deus e ao poder da Igreja. Nós também, olhando aquelas figuras vetustas, lá no alto, sentíamos profundo respeito por sua dignidade e seu saber e uma enorme vontade de nos assemelharmos a eles, algum dia.

Como monitora de anatomia, tinha a chave da Faculdade e podia entrar a qualquer hora. Em muitas tardes quentes de sábado, sozinha no prédio imenso, parei em frente àqueles quadros, tentando me imaginar, eu também, ali pendurada, glorificada e imortalizada, talvez ao lado de meu bisavô, que havia sido catedrático de anatomia. Pois o prédio foi abaixo e muitos dos quadros desapareceram, juntamente com o respeito e a hierarquia. Após muitos anos e muitas buscas encontrei meu bisavô, coberto de poeira e virado para a parede, num depósito de coisas velhas. Nem nome havia que o identificasse. Agora ele reina soberano na parede de meu serviço, no Hospital Universitário, um pouco mais alto do que todas as cabeças, para que os novos reaprendam a olhar para cima quando miram os velhos ou os sábios.

Lamentei vivamente, como todos os de minha época, a derrubada daquele prédio e do que ele representava. Nada foi posto no lugar. Vamos perdendo, progressiva e inexoravelmente, os símbolos e as tradições, a pretexto de renovação. Uma coisa não exclui a outra. Ao contrário,

renovar quer dizer **repetir o novo**, e só se pode repetir o que já existe. É preciso conhecer o antigo para que se tenha a base sobre a qual será feita a renovação.

Entre na Faculdade com a idéia de ser psicanalista. Mas, logo, comecei a trabalhar na Anatomia, onde participava de cirurgia experimental, e ajudava meu pai nas cirurgias particulares.

Não é por acaso que se escolhe uma especialidade. Entre muitas razões envolvidas, a personalidade comanda a decisão. Percebi que me sinto melhor como protagonista do que como observadora. Não seria uma boa psicanalista. Além disso a paciência não é meu melhor atributo. Gosto de agir e resolver na hora. A cirurgia preencheu esta necessidade e por ela enveredei.

O cirurgião é um artesão especial. Trabalha com um material rebelde que, frequentemente, não obedece a seu comando. Enfrenta situações de risco onde decisões vitais precisam ser tomadas em curto espaço de tempo. Precisa ser forte e destemido mas, ao mesmo tempo, prudente e objetivo. É o especialista de Ego mais hipertrofiado de toda a medicina pois recebe de seu paciente a maior prova de confiança que alguém pode dar: entregar-se, anestesiado, a outra pessoa, armada, e autorizá-la a cortar-lhe o corpo, retirar pedaços, modificar sua anatomia. Creio que, em muitos momentos, todo cirurgião sente o peso desta responsabilidade e, se não infarta com maior frequência, é porque a adrenalina circulante determina uma velocidade de fluxo incompatível com a formação de trombos.

Ao cirurgião plástico cabe tarefa ainda mais difícil: restituir a harmonia física perdida ou geneticamente desfavorável. Os conceitos de harmonia são bastante subjetivos e perceber o que o paciente deseja pressupõe a capacidade de compreendê-lo. As mudanças notórias na qualidade de vida dos pacientes operados, refletem a cura de problemas impalpáveis através de atos físicos. A cirurgia plástica vem a ser, então, uma psicoterapia cirúrgica. Afinal, consegui conciliar meu ideal pré-universitário com os redirecionamentos que a vida determinou.

Quando optei pela cirurgia, comecei a me especializar em Cabeça e Pescoço, por se tratar de cirurgia eminentemente anatômica, o que muito me agradava.

Em pouco tempo, porém, meu pai mais uma vez interferiu dizendo: “Minha filha: se eu tivesse a sua idade e fosse começar minha vida profissional, faria cirurgia plástica. É uma cirurgia alegre que traz felicidade em lugar de sofrimento.” E, pegando-me pela mão, levou-me à presença daquele que, em suas palavras, era um rapaz tão novo e que estava fazendo tanto sucesso.

Pois este rapaz, tão novo e promissor, construiu a maior escola de cirurgia plástica do planeta, à qual tenho enorme orgulho em pertencer. Meu mestre e ilustre acadêmico, Prof. Ivo Pitanguy. Sua personalidade inimitável trouxe charme e prestígio a uma especialidade que começava a se definir como tal e tornou o Brasil conhecido nos meios médicos mundiais bem antes de que outras especialidades pudessem conseguir o mesmo.

O fenômeno Pitanguy não se repetiu e não se repetirá pois foi fruto da conjunção de qualidades pessoais com circunstâncias e momento. Mas a imagem do Mestre continua a nos pautar como exemplo de excelência.

Fazer cirurgia plástica é uma alegria e um privilégio. Mas não foi sempre assim. Havia, de início muito preconceito: os outros cirurgiões a olhavam como cirurgia menor, destinada primordialmente a satisfazer a vaidade das mulheres. Foram necessárias duas grandes guerras e várias guerras menores para que percebessem seu enorme alcance e sua real importância. Nosso

campo de ação abrange não só a própria especialidade, como várias outras, cujo desenvolvimento possibilitou. Grandes ressecções se tornaram possíveis em cirurgia de câncer, de tórax, de parede abdominal, ginecológicas, pediátricas, urológicas, etc. desde que haja, na equipe, um cirurgião plástico para realizar o fechamento da ferida com algum retalho milagroso.

A cirurgia plástica é lúdica. Em alguns casos funciona como um quebra-cabeças onde procuramos a melhor peça que se encaixe em determinado espaço. Outras vezes, como na cirurgia estética, atuamos como escafandristas que trazem das profundezas tesouros de beleza que ninguém percebia ou traços de juventude que o tempo ocultou. É, verdadeiramente, como dizia meu pai, uma cirurgia alegre que proporciona esperança e conforto e modifica a vida para melhor.

Nos últimos anos têm havido muitos problemas em consequência de propaganda antiética e de resultados desfavoráveis. Decorrem do aumento excessivo do número de cirurgias plásticas, levando, inevitavelmente ao aparecimento de alguns profissionais despreparados e que visam o lucro fácil e imediato. Cada mau resultado é como um avião que cai nos céus da cirurgia plástica. Os jornais notificam, todos ficam sabendo. Mas há milhares de outras cirurgias sendo realizadas neste mesmo momento, em todo o mundo, proporcionando recuperação física, integração social e felicidade pessoal. Temos trabalhado intensamente, na Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica e no CRM para estabelecer limites e manter a especialidade nos níveis de excelência que ela sempre teve entre nós. Daqui para a frente procurarei envolver também a Academia nesta luta.

Hoje não é a primeira vez que falo desde esta tribuna. Em 1972 aqui vim receber o Prêmio Alvarenga e me coube discursar em agradecimento. Meu discurso de hoje comemora as bodas de prata daquele outro que ratificou meu desejo de pertencer a esta Casa. Com a mesma voz embargada, olhei para meu pai e para meu filho Leonardo, e falei da alegria que sentia e da esperança de um dia aqui entrar, não mais de passagem e sim para sempre. Com seu olhar sereno, de eterno apoio e total confiança, meu pai sorriu e disse: “Não duvido. Essa minha filha é danada !”

Hoje ele nada me dirá. Já não pode falar nossa linguagem. Mas, da cadeira vazia que deixei a meu lado, tenho certeza de que me olha e sorri, enquanto eu choro, porque lá onde está já não cabem tristezas. Apenas a serenidade da eterna permanência.

Foi, portanto, após muitos anos de preparo, que aqui me apresentei, em meados do ano passado, explicitando minhas aspirações.

A conquista do privilégio foi outro caminho de meandros inicialmente insondáveis e sustos em cada curva. Felizmente conservo sempre o senso de humor e a humildade, no fundo do coração, e em todas as situações. Com eles procuro manter uma real perspectiva de mim mesma, sem me abater exageradamente com os insucessos, nem me envaidecer além da conta com as vitórias.

Pois de muito valeu-me este senso de humor, logo no primeiro dia em que aqui vim. Ao ser apresentada como postulante, o Prof. Fioravanti olhou-me com cara séria e disse: “Mas é uma menina !” E eu, que por gênero e por dever de ofício busco a eterna juventude para mim e para os outros, passei a fazer força para demonstrar ser bem mais velha do que parecia. Não sabia o querido Professor que suas palavras me soaram de profético estímulo e gentil reconhecimento

pois **menina** é o que meu nome significa, usado que foi por Jesus Cristo para ressuscitar a filha de um centurião romano.

A visita aos Srs. Acadêmicos, que alguns vêem como um ritual desnecessário, foi para mim uma experiência inestimável. Em curto espaço de tempo pude aproximar-me das figuras mais notáveis de nossa medicina e de nossa cultura. Fui bem recebida em todos os lugares. Reencontrei amigos de longa data como os Profs. Jorge de Rezende, Clementino Fraga Filho, Neves Manta, Josias de Freitas. Estreitei alguns laços de amizade, de forma inusitada porém definitiva, como com o Prof. Bernardo Couto nas reuniões memoráveis da Associação Brasileira de Sommeliers. Fui contemplada com a feliz coincidência de pleitear meu ingresso durante a presidência do Prof. Rubem David Azulay que aprendi a admirar desde o tempo de aluna e no contato que tivemos enquanto foi Chefe do Serviço de Dermatologia do Hospital Universitário

É bem verdade que, em algumas instâncias, tive que exercitar meu lado Gengis Khan, na tentativa de invadir territórios desconhecidos. Derrubei alguns muros. Os que não consegui conquistar antes, procurarei conquistar agora.

Olhei nos olhos de todos e vi brilhos diferentes, como diferentes são as almas e as pessoas. Mas há algo em comum: o desejo de ultrapassar a si mesmo, a inquietude de existir, de desbravar, de sair da média. Exercer a vida em toda plenitude e exercer a morte com serenidade. Mais do que a imortalidade, busca-se aqui a continuidade, uma imortalidade generosa, que não é pessoal, mas do Ser Humano. Assumimos o posto dos que se foram, levamos o bastão à frente.

Tem sido assim em todas as culturas. A simbologia do Rei Arthur, do gamo-Rei, que ciclicamente era morto em combate para que a renovação fosse possível. Felizmente já não é mais necessário que nos encarreguemos pessoalmente de abrir nossas vagas. Mas aprendemos a conviver com a idéia de que nosso tempo é finito, não porque já não tenhamos utilidade, mas porque estamos ficando prontos para outros trabalhos, em outros níveis. Quero crer que a catarata que se instala, algum dia, em todos os olhos seja, não um sinal de decadência física, mas de evolução, pois os outros mundos para onde vamos não são feitos de formas mas de espíritos e aí, a nitidez é o que menos importa.

Se já tivéssemos tal percepção, veríamos esta sala repleta de personalidades que aparentemente se foram. Mas, cada vez que alguém fala desta tribuna, revitaliza seus feitos e suas lembranças. Como a memória de um computador, que facilita o acesso aos últimos arquivos consultados, ao colocá-los em evidência.

Não repetirei aqui os currículos dos que me precederam. Seria longo, maçante e desnecessário. Suas aulas, seus trabalhos, seus títulos, estão à disposição de quem quiser consultá-los. São as personalidades que interessam e o nexos que possa existir entre elas.

Foi com muita emoção que recebi a pasta onde estão arquivados os dados biográficos destes ilustres médicos. Alguns papéis estão amarelados. Alguns conceitos, em desuso. Hospitais e Faculdades onde trabalharam, talvez já não existam mais, ou tenham mudado de categoria. Mas, ao abrir aquela pasta, o que vi sair não foi o mofo de coisas velhas e sim o entusiasmo de vidas produtivas e exponenciais. Não pude evitar um arrepio ao pensar que, na próxima vez em que esta pasta for aberta é porque já não estarei mais aqui e alguém terá a alegria de assumir o meu

lugar e a obrigação de falar bem de mim. Acho que vou até deixar um bilhete sugerindo algumas colocações...

Debrucei-me sobre as biografias buscando os pontos de contacto. Foi como uma brincadeira de muito sucesso que circula na Internet, onde se prova que qualquer pessoa do mundo pode ser referenciada a qualquer outra através de interrelacionamentos. Foi fácil e me senti em casa. Encontrei parentes e amigos, entre os quais o Prof. Maurity Santos, irmão de minha avó. Foi a surpresa de sabê-lo patrono da cadeira que me levou a disputá-la, com a coragem dos irresponsáveis, segundo alguns que não acreditaram no poder das bênçãos familiares.

Gosto das tradições e dos ritos de passagem. Viveria bem na Idade Média, onde as famílias eram fortes e os ofícios passavam de pais a filhos. Tem sido assim na minha. Embora o rastreamento vá mais além, com um parente muito antigo, Sebastião Fagundes Varella que teria sido tesoureiro de Estácio de Sá, a continuidade de ofício remonta a meu bisavô Luiz Antonio da Silva Santos, formado em 1875 e Professor de Anatomia na antiga Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi com seu apoio e estímulo que a filha, Judith Adelaide Maurity Santos, minha avó, se transformou na primeira médica do Rio de Janeiro, e a quarta do Brasil, formada em 1900. Enfrentou, de início, muitos preconceitos, mas soube vencê-los e, inclusive, deles tirou proveito pois muitos maridos achavam mais conveniente que suas mulheres fossem tratadas por uma mulher médica. Em pouco tempo conquistou renome e grande clientela. Estive na festa que comemorou seus 50 anos de formatura quando restavam apenas ela e 10 de seus colegas, além do paraninfo Prof. Satamini, então com quase 100 anos de idade.

Minha avó teve dois filhos, sendo o mais velho meu pai, Volta Baptista Franco, formado em 1930, contemporâneo e amigo de muitos dos Srs. Acadêmicos, o que me leva a crer que foi mais pelos méritos dele do que pelos meus que aqui me encontro neste momento.

Sentado na primeira fila Diogo, meu filho médico, nem me olha. Com a discricção que lhe é peculiar, tenho certeza de que deve estar muito incomodado em ser mencionado diretamente. Mas conto com ele para continuar a tradição e espero que, um dia, estejamos em lugares trocados, ele aqui e eu ali, certamente com emoção ainda maior do que sinto agora.

Pois os ocupantes pretéritos da Cadeira nº 37 se relacionam todos entre si e, de várias formas comigo ou com minha família.

O patrono da Cadeira, José Alves Maurity Santos, era o irmão mais moço de minha avó.

Nasceu aqui no Rio, em 9 de maio de 1889. Tudo em sua vida foi intenso e rápido, como se pressentisse que seu tempo seria breve. Formou-se aos 21 anos e conquistou a Livre-Docência de Ginecologia aos 25. Foi para Paris, onde frequentou, durante quase um ano, o famoso Serviço de Ginecologia do Prof. Jean Louis Faure, do qual se tornaria amigo. Sua formação cirúrgica foi baseada nos conhecimentos anatomicos que adquiriu durante os longos anos em que trabalhou com o Prof. Silva Santos, seu pai, mas também, num dom pessoal de habilidade manual, clareza diagnóstica e inteligência sensível. A preocupação com a ética se manifestou logo de início e haveria de pautar-lhe toda a vida. Sua tese de doutorado tinha como título “Terapêutica Científica e Charlatanismo”.

Construiu uma grande escola de cirurgia no Hospital N.S. da Saude, no bairro da Gamboa, tendo como assistentes grandes cirurgiões como Clóvis Salgado, Waldemar Paixão, Salomão Kaiser,

Carlos Palhares, Sylvio Lemgruber e meu pai, Volta Baptista Franco. Foi Sócio Fundador do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e eleito para esta Academia em 23/8 sendo empossado em 13/9/34.

Era também um homem bonito, de olhar penetrante. Dele falou o Dr. Cleto Seabra Veloso: “Maurity Santos possuía o dom da simpatia. Quem o visse com aquele aspecto de índio civilizado, tez brônzea, olhar agudo, um sorriso elegante nos lábios e a voz sempre baixa, vinda muito de dentro do peito, bem perto de seu coração, capitulava, desde logo, dominado por uma atração sempre crescente.”

Não menos apaixonadas são as palavras de Clovis Salgado, que haveria de suceder-lo na Cadeira nº 37:

“Maurity Santos foi o maior cirurgião de sua época. Era um virtuose da técnica, um gênio cirúrgico. Era o cirurgião para ser mostrado aos visitantes ilustres, para operar nos congressos médicos. Diante das assembléias numerosas e seletas, parece que o instinto ainda mais se lhe apurava. Era de vê-lo avançar com segurança, com rapidez, sem gestos inúteis e sem hesitações, apanhando de um golpe, toda a situação e traçando agudamente um plano de ataque, daí em diante executado sob um ritmo de rara beleza.”

Morreu em 6 de outubro de 1937, aos 47 anos, em consequência de apendicite aguda, ironia do destino para quem, durante toda a vida sempre se preocupava tanto com aquela patologia. Sabendo que ia morrer, chamou seus filhos e deu os conselhos que seu filho Gilson, então com 15 anos, jamais esqueceria:

“Escolha sempre as ações que exigirem de você maior sacrifício e desinteresse”

“Os atos que trouxerem benefício aos outros serão sempre abençoados por seu pai”.

“Seja digno como foram seus antepassados”.

Maurity Santos foi sucedido por Maurício Gudín que nasceu aos 13 de maio de 1883, na cidade do Rio de Janeiro. Correlações são sempre encontráveis. Acasos não sei se existem. Maurity morreu de septicemia. Gudín dedicou sua vida ao controle das infecções. Formou-se em 1905 e foi para a Europa estudar Microbiologia no Instituto Pasteur. Naquela época, de Medicina abrangente, foi também cirurgião, introduzindo no Brasil a chamada Assepsia Cirúrgica Integral que vinha a ser um processo de esterilização total do ambiente cirúrgico, incluindo o piso, as paredes e o ar. Com seu prestígio e sua habilidade em convencer através de argumentos irrefutáveis, conseguiu construir vários pavilhões cirúrgicos destinados a este fim, inclusive em Paris, no Palácio das Descobertas, Exposição de 1937.

A descrição que Maurício Gudín faz da técnica para manter o ar estéril me fez sonhar: “A contaminação pelo ar exterior é evitada pela interposição de ante-câmaras esterilizadas, agindo à maneira de eclusas e providas de dispositivos capazes de reter e esterilizar os micróbios que penetrarem ao serem abertas as portas da primeira ante-câmara. A contaminação pelas pessoas é evitada recobrando-as completamente com um escafandro esterilizado, observando-se o silêncio e reduzindo-se ao mínimo o número de pessoas que penetram na sala.”

Nesta descrição vejo a figura símbolo do cirurgião, isolado dentro do escafandro de sua responsabilidade que é absolutamente pessoal e intransferível, escutando apenas seus próprios

temores e a voz de seu paciente, sem que estímulos espúrios perturbem este colóquio tão especial.

Maurício Gudín foi Catedrático de Clínica Cirúrgica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Eleito para a Academia em 22/6, foi empossado em 30/11/1939.

Não sabia muito sobre o Prof. Maurício Gudín. Era o único, entre os ocupantes da Cadeira 37 que não me era familiar. Conhecia, sim, Eugênio Gudín, o economista, íntimo amigo de meu tio, mas não tinha certeza se era seu irmão. Pois, comecei a pesquisar sobre ele num dia de domingo, lendo os papéis que a Academia me havia fornecido com informações sobre os pretéritos ocupantes da cadeira 37. Na hora do almoço abri o jornal, numa página qualquer e salta-me aos olhos um parágrafo, inserido em crônica de Roberto Campos sobre Mário Henrique Simonsen, falecido naquela semana. Nele o articulista dizia: “Conheci Simonsen num velório. Suicidara-se o famoso médico Maurício Gudín, irmão de meu guru econômico, Eugênio Gudín. Tratava-se de um belo homem, atlético e bem sucedido, mas deprimido pela aproximação da velhice que, como disse o General De Gaulle, é uma espécie de naufrágio”. Era o dia 14 de dezembro de 1959.

Pensei em seu escafandro, na solidão de sua sala e na esterilização absoluta que talvez lhe tenha erradicado também o micróbio da alegria de viver. Leonídio Ribeiro refere que, além da extraordinária capacidade técnica e do reconhecido gênio inventivo, tocava violão e cantava modinhas. Tive dúvidas sobre a conveniência de falar sobre assunto tão triste. Mas pareceu-me que o mestre me mandou seu recado e que as batalhas pessoais devem ser conhecidas embora nem sempre imitadas. É importante que se saiba porque e como os violões emudecem e as vozes se calam.

Ao homem solitário seguiu-se o homem público. O Prof. Clovis Salgado foi eleito em 29/9/1960 e empossado em 15 de junho de 1961. Ao recebê-lo, o Prof. Fioravanti falou: “A Academia de Medicina não está recebendo um homem, uma pessoa, uma criatura. Abrindo-vos nossas portas, estamos recebendo um patrimônio, uma tradição, um tesouro.” Isto dito por um homem que é, ele mesmo um patrimônio, uma tradição e um tesouro, reveste-se de maior importância e verossimilhança.

Clovis Salgado exerceu na íntegra todas as possibilidades que são dadas a um ser humano. Atuou a nível pessoal, familiar, profissional, social e político e em tudo se saiu bem. Nascido em Leopoldina, Minas Gerais, a 20 de janeiro de 1906. Eram 5 irmãos, todos médicos. Um deles, Jório Salgado, trabalhou com meu pai durante muitos anos, no Hospital do IASERJ e frequentava assiduamente nossa casa.

Clovis Salgado foi também discípulo de Maurity Santos, com o qual começou a trabalhar desde o 3º ano médico, em 1926. Depois de formado, ainda o acompanhou durante dez anos. Era outro dos apaixonados pelo Mestre, do qual disse em seu discurso de posse: “Maurity era para nós um modelo a ser atingido, um quase Deus, senhor da vida e da morte”. A grandeza e a dedicação de Clovis Salgado podem ser medidas por sua participação nos 15 dias que precederam a morte do Mestre. Já Prof. Catedrático na Universidade de Minas Gerais, Clovis Salgado permaneceu dentro daquele quarto, atuando como enfermeiro e amigo pois a Medicina nada mais podia fazer.

A Cátedra de Ginecologia Clovis Salgado conquistou aos 30 anos, mineiramente, e assim também foi acumulando títulos, frutos todos eles de sua competência e de seu trabalho. Chegou a Governador e a Ministro de Estado, por duas vezes, sem deixar de contribuir sempre para o progresso da Medicina como diretor e fundador de hospitais e escolas ligadas à saúde. Faleceu em 25/6/78.

O último ocupante da Cadeira nº 37 foi o Prof. Mariano Augusto de Andrade, nascido a 2 de novembro de 1909, na cidade de Recife. Diplomou-se pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, em 1933, e tres anos após já era Livre-Docente de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental, tanto na Universidade do Brasil quanto na Federal Fluminense. As cátedras, conquistou-as em 1945 e 1952.

Em 1978, quando o Hospital Universitário da UFRJ foi inaugurado, pedi transferencia da Cadeira de Anatomia para o Departamento de Cirurgia e fui trabalhar sob seu comando.

Tive o privilégio de ver o Prof. Mariano de Andrade operando. Era um príncipe. A ele se aplicavam, à perfeição, os dizeres de Jean Louis Faure: “Para operar bem e rápido é preciso fazer o que é preciso, só fazer o que é preciso e fazê-lo quando preciso.”

A elegância dos gestos, o conhecimento anatômico que resultava em incisões aparentemente ousadas porque decididas, a técnica cirúrgica impecável. Assistí-lo era um espetáculo e a platéia estava sempre repleta e entusiasmada.

Foi uma época privilegiada, aquela, em que existiam mitos duradouros. Somos nós mesmos que inventamos os superhomens para que nos sintamos protegidos e projetados. Mas é preciso qualidades muito especiais para que alguém se torne o alvo desta projeção. Os mitos modernos são transitórios demais para que nos sirvam de apoio e vulneráveis a criptonitas de pequena potência. Hoje existem numerosos cirurgiões excelentes. Antes existiam deuses. Hoje, grandes personalidades dificilmente se associam, pois a competição exacerbada impossibilita o convívio. Antes o convívio era um estímulo a mais para o progresso de todos. Mariano de Andrade foi discípulo de Alfredo Monteiro e contemporâneo de Josias de Freitas e José Ribe Portugal. Mais não é necessário dizer.

O Prof. Mariano de Andrade manteve seu entusiasmo criativo durante toda a vida. Foi já próximo de sua aposentadoria compulsória, que participou da organização e da instalação do Hospital Universitário, na Ilha do Fundão. E, como um guerreiro que, após todas as lutas, busca enfim a parte boa da vida, apresentou-se a esta Academia, já com quase 70 anos. Sem concorrentes e cercado de apoio e respeito, foi eleito em 17/5 e empossado em 9/8/1979. Faleceu em 24/12/94.

Em lugares austeros fala-se pouco de amor e de felicidade, a alegria é comedida, o riso discreto. São sentimentos ameaçadores porque exteriorizam a parte infantil de cada um nós, aquela que nos parece mais vulnerável por ser a mais autêntica e que tememos, sempre, não merecer intrínsecamente a aprovação alheia.

Ser mulher é mais fácil nestas horas. Se eu chorar e rir ao mesmo tempo, não causarei espanto. No máximo, alguns dos senhores balançará a cabeça pensando nos riscos que a Academia há de correr quando muitas mulheres a povoarem. Não se assustem, porém. Se algo mudar por nossa causa, tenho certeza de que serão mudanças positivas, novas maneiras de ver velhos conceitos,

sem por isso alterar as estruturas básicas sobre as quais se firmam os pilares da Instituição. Um pouco de leveza, talvez, sem que isto signifique superficialidade. É o recurso que as mulheres têm usado para sobreviver em um mundo frequentemente hostil.

Porque, ser mulher não é fácil sempre. Por um lado, espera-se tão pouco de nós que qualquer vitória parece incrível e merece sair nos jornais. Há o Dia Internacional da Mulher, A Associação de Mulheres Médicas, o Banco da Mulher, a Delegacia da Mulher, e agora até a obrigatoriedade de uma percentagem de representantes femininos na Câmara e no Senado. Sei que tudo isto é importante e necessário pois “o preço da liberdade é a eterna vigilância” e é preciso defender aquelas tantas que não têm condições de se defenderem sozinhas. Mas sei também que, enquanto alguém me defende é porque sou fraca e minhas armas são inúteis para a necessária sobrevivência. Espero que, num futuro não muito remoto, nossas vitórias deixem de ser fatos isolados e passem a constituir acontecimentos banais que, de tão frequentes, nem mereçam maiores destaques.

Para mim, ariana com ascendente em escorpião, as dificuldades representam um grande estímulo. Gosto do combate em campo aberto e aprendi a usar armas masculinas sem abdicar das congênicas que Deus me deu.

Sou de uma época em que mulheres médicas eram poucas e cirurgiãs causavam espanto. Os centros cirúrgicos sequer tinham locais para as doutoras trocarem a roupa. Precísávamos pedir licença para entrar nas salas de médicos ou nos escondermos atrás de arquivos, carregando as roupas e sapatos dentro da bolsa.

Pois, pedindo licença algumas vezes, ou sem pedir, na maioria delas, fui invadindo não só salas de médico, como centros cirúrgicos, universidades e academias. Não foi fácil mas, como dizia São Paulo, é preciso combater o Bom Combate.

Como armas, além de estudo e perseverança, tive meu pai e meus filhos.

Meu pai acreditou e incentivou. Não lhe deve ter sido muito difícil acreditar pois, tendo a mãe e as tias que teve, estava acostumado com mulheres fortes. E, também, não lhe restava alternativa pois, sendo eu a última de tres mulheres e sem outras possibilidades de filho homem, teve que se contentar comigo mesma para lhe dar continuidade. Mas fez isso com a graça, a alegria e o amor que colocava em tudo o que fazia. Muitas vezes me contaram a história do champagne, esquecido na geladeira, face à decepção que teve com mais uma filha. Se isto foi verdade, nunca demonstrou mas a história, tão presente em minha vida que não resisti a contá-la mais uma vez neste momento, funcionou como um motor que me obrigava a seguir em frente para não decepcioná-lo. Não foi um peso, e sim um prazer, corresponder a suas expectativas.

Meus filhos são um capítulo à parte. Além de toda a alegria que sempre me deram, foram minha âncora de feminilidade no meio das batalhas. São minha bandeira, evidenciando a perfeita compatibilidade entre ser mãe e ser profissional.

Muitas bolsas carreguei confraternizando mamadeiras com livros de anatomia e instrumental cirúrgico. Talvez um pouco de formol tenha se misturado ao leite, mas isso até os ajudará na prevenção do envelhecimento.

Cada vitória foi a eles dedicada.

Leonardo, meu filho artista

Diogo, meu filho médico

Penélope, minha menina linda e querida, companheira do privilégio de ser mulher e que, breve, iniciará seu caminho como educadora,

agradeço a felicidade e a honra de tê-los como filhos. Certamente falhei, em muitas horas. Um queixou-se de que nunca joguei cartas com ele, o que é uma verdade irreparável pois detesto jogos; outro disse que eu era uma mãe emocionante, e sabe-se lá o que isto significa. Outra falou que eu era poderosa mas, antes que lhe arranjasse um analista, arrematou que se sente poderosa também.

No cômputo geral, tenho certeza de que fazemos excelentes parcerias. Gostaria apenas de lembrar-lhes que a imortalidade que hoje me oferecem é a do espírito. Conto com vocês, e a colaboração de Flávia, Andréia e Marcello para a continuidade da matéria mas, por favor, se apressem um pouco mais...

Discursos são geralmente longos porque todo orador quer prolongar seu momento de glória. É que há muito a falar e muitos a quem falar. Afinal, estão aqui, sobretudo, os amigos que atenderam ao convite e terão paciência de ouvir. Vejo meu primo Gilson Maurity Santos, filho do patrono da cadeira 37, cirurgião brilhante, como o pai. Vejo Godofredo Formenti, arquiteto, amigo de tantos anos e que só agora descobri ser o autor do projeto deste edifício que nos abriga. Vejo meus companheiros de trabalho, Nícia, Cesar, Porchat, Boghossian, Luiz Fernando; meus anestesistas Natan e Marcilia, minha instrumentadora Zeneide, minha secretária Regina. Vejo meus residentes, meus mestrandos, muitos alunos. Vejo meu marido, minhas irmãs, meus sobrinhos, e tantos amigos. Entre eles, um muito especial: o Prof. Gerson Cotta-Pereira que tão generosamente me recebeu. Não vou desmentir as coisas boas que disse a meu respeito porque gostei de ouvi-las e todos darão o devido desconto pois sabem que sempre se exagera muito nestas horas. Gostaria de poder retribuir com igual brilhantismo mas, na falta de qualidades para tal, usarei a verdade de minha emoção.

Conheci o Prof. Gerson quando ainda não era o Prof. Gerson. É interessante como gravamos alguns fatos, na aparência inexpressivos,. Lembro-me nitidamente de duas coisas: um jaleco mais longo do que o que os outros monitores usavam, talvez já prenunciando o futuro professor, e um cabelo que, por incrível que possa parecer agora, lhe caia teimosamente na testa. Trabalhávamos no mesmo andar da Faculdade: eu, na Anatomia e ele na Histologia. Depois, nos perdemos de vista, mas as notícias continuavam chegando e pude acompanhar sua ascensão rápida e constante que nem as fronteiras do país conseguiram segurar. O Prof. Gerson é prestigiado em muitos países e tem livre trânsito entre os grandes cientistas que se renderam ao encanto das estruturas microscópicas que dão forma a nosso corpo. Para nós, pessoas comuns que lutam para entender o macro e atuar sobre o visível, parecem de outro planeta estes que são íntimos do que não se vê. O Prof. Gerson é um alquimista polivalente, empenhado não em uma, mas em várias grandes obras, e capaz de realizá-las todas ao mesmo tempo. Sua trajetória foi exemplar desde Venda da Cruz, em Niteroi, onde nasceu, lá do outro lado da baía, no tempo em que ainda havia golfinhos em suas águas. Foi um filho único que não se estragou, e mostrou, desde cedo que não veio ao mundo para descansar.

Nas poucas horas de sono imagino que se deita numa rede de fibras elásticas e sonha sonhos coloridos pelo tricolor de Gomori. Sua capacidade de trabalho parece incompreensível às pessoas normais. O ritmo é intenso, as solicitações periféricas são as mais variadas, as atividades múltiplas. Professor Titular de 3 Universidades brasileiras e Professor Visitante de várias internacionais, mais de 300 trabalhos publicados e vários livros, Diretor da Universidade Gama Filho, muitos prêmios e distinções no Brasil e no exterior. Entre estes as Insígnias de Cavaleiro da Ordem de Santiago da Espada, aquele mesmo Santiago de que falei no início.

Aulas, viagens, pesquisa, atividades administrativas, orientação de teses, elaboração de trabalhos. O Prof. Gerson transita por todos estes espaços com o mesmo interesse e a mesma dedicação. Tem intimidade com o macro e com o micro mas é sobretudo no detalhe que se percebe o invulgar. Se não fosse médico, seria arquiteto, construtor de submarinos ou mágico. Tem a capacidade de transformar uma pequena sala em um laboratório ultra-sofisticado e completamente aparelhado. Sua inquietação e a urgência vital que lhe são características fazem com que se torne rapidamente auto-suficiente provendo, ele mesmo, todas as necessidades que cercam seu trabalho. É de se ver um pesquisador de seu gabarito cuidando pessoalmente dos animais de laboratório, digitando seus textos, fotografando e revelando as fotografias e tantas diferentes atividades que deveriam ser feitas por pessoas de outra qualificação. O Prof. Gerson é o verdadeiro cientista brasileiro, que não usa as dificuldades como pretexto para a inércia, mas que cria armas onde não pode obtê-las. É forte, sem perder a ternura. Tem uma bela família, uma mulher inteligente e participante, tres filhos encantadores. E ainda acha tempo para criar rouxinóis.

Prof. Gerson, mais do que suas palavras, agradeço sua amizade e sua participação em momentos tão importantes de minha vida profissional, como o que agora ocorre.

Hoje é dia de meu aniversário. Estas datas são sempre difíceis porque materializam o tempo e nos confrontam com ele. Reavivam nossa criança interna ao mesmo tempo em que a vão matando aos poucos. Ficamos sempre vulneráveis nestes dias. Esperamos os telefonemas, os presentes, as visitas, ainda que não o reconheçamos. Para quem nasceu em 1º de abril, então, a data é quase traumática.

Mas nos meus muitos anos de análise, aprendi a não esperar que me seja dado: eu mesma vou buscar.

Pois escolhi o dia de hoje para me proporcionar esta grande festa e poder compartilhá-la com tantas pessoas. Convidei todos os meus amigos. Alguns muito antigos, outros recentes e alguns que ainda não são, mas serão em breve. Comprei um vestido novo e ganhei uma medalha. Talvez amarre fitas coloridas no cabelo quando ninguém estiver me vendo. Aquele champagne antigo, esquecido na geladeira, hei de jogá-lo fora. Já não preciso mais dele, pois tenho todos vocês. Obrigada pela presença. Estou muito feliz.

Rio de Janeiro, 1º de abril de 1997